

COMENTÁRIO
EXEGÉTICO

GORDON
D. FEE

FILIPENSES

Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i>	xi
<i>Prefácio do editor da série NICNT</i>	xv
<i>Prefácio do autor</i>	xvii
<i>Reduções gráficas</i>	xxi
Introdução a Filipenses	1
I. Filipenses como uma carta.....	1
II. A ocasião de Filipenses	26
III. A questão da autenticidade — algumas observações sobre 2.6-11....	43
IV. Contribuições teológicas	51
Texto, exposição e notas.....	59
I. Questões introdutórias (1.1-11)	59
A. Saudação (1.1-2)	61
B. Ação de graças e oração (1.3-11)	75
1. Oração como ação de graças — pela cooperação no evangelho (1.3-8)	78
2. Oração como petição — pelo aumento do amor e “frutificação” (1.9-11).....	103
II. Os “assuntos” de Paulo — reflexões sobre a prisão (1.12-26).....	115
A. O presente — para o avanço do evangelho (1.12-18a)	118
1. O evangelho avança dentro e fora da prisão (1.12-14).....	120
2. O evangelho avança fora da prisão — apesar da má vontade (1.15-18a).....	130

B.	O futuro — para a glória de Cristo e para o bem dos filipenses (1.18b-26).....	141
1.	A ambição de Paulo — que Cristo seja glorificado (1.18b-20)...	143
2.	O resultado desejado — estar com Cristo (1.21-24).....	156
3.	O resultado esperado — reunião em Filipos (1.25-26)	170
III.	Os “assuntos” dos filipenses — exortação à firmeza e à unidade (1.27—2.18).....	175
A.	O apelo — à firmeza e à unidade diante da oposição (1.27-30).....	179
B.	O apelo renovado — unidade por meio da humildade (2.1-4)	197
C.	O exemplo de Cristo (2.5-11).....	217
1.	Como Deus, ele se esvaziou a si mesmo (2.5-7)	225
2.	Como homem, ele se humilhou a si mesmo (2.8).....	243
3.	Deus o exaltou como Senhor de tudo (2.9-11)	248
D.	Aplicação e apelo final (2.12-18).....	260
1.	Aplicação geral — um apelo à obediência (2.12-13).....	262
2.	Aplicação específica — harmonia pelo bem do mundo e de Paulo (2.14-18)	273
IV.	O que vem a seguir — em relação aos “assuntos” de Paulo e dos filipenses (2.19-30).....	294
A.	Timóteo e Paulo vêm depois (2.19-24)	299
B.	Epafras vem agora (2.25-30).....	310
V.	Os “assuntos” deles — novamente (3.1—4.3).....	326
A.	O apelo — contra a circuncisão (3.1-4a)	330
B.	O exemplo de Paulo (3.4b-14).....	347
1.	Não há futuro para o passado (3.4b-6)	350
2.	O futuro está no presente — conhecendo Cristo (3.7-11)	357
3.	O futuro está no futuro — alcançando Cristo (3.12-14).....	386
C.	Aplicação e apelo final (3.15—4.3)	401
1.	Aplicação — tendo uma mentalidade “madura” (3.15-16)	403
2.	Apelo e acusação (3.17-19)	414
3.	Base do apelo — céu, agora e no porvir (3.20-21)	429
4.	Apelos finais — à firmeza e à unidade (4.1-3)	440
VI.	Questões finais (4.4-23).....	455
A.	Exortações finais (4.4-9)	458
1.	Um chamado à piedade cristã — e à paz (4.4-7)	461
2.	Um chamado à “sabedoria” — e à imitação de Paulo (4.8-9) ...	473
B.	O reconhecimento da oferta deles: amizade e o evangelho (4.10-20).....	483

1. A oferta deles e a “necessidade” de Paulo (4.10-13)	489
2. A oferta deles como parceria no evangelho (4.14-17)	500
3. A oferta deles como oferta de aroma suave a Deus (4.18-20)	515
C. Saudações finais (4.21-23)	523
<i>Bibliografia</i>	531
<i>Índice de passagens bíblicas</i>	563
<i>Índice de autores</i>	579
<i>Índice de fontes extrabíblicas antigas</i>	589
<i>Índice de palavras gregas</i>	591
<i>Índice remissivo</i>	595

Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de ao menos parte das Escrituras e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “Entendes o que estás lendo?” (At 8.30, A21).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem objetivo mais adequado. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação exata do texto das Escrituras, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, com vistas à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Portanto, ele precisa da Palavra de Deus.

Mas o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas, e entre as mais úteis estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são aqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários desta série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm por objetivo entender cada perícopo em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores de uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações no universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há aspectos que diferenciam os comentários que formam esta série.

Primeiramente, e acima de tudo, ocupam-se *do texto* das Escrituras. Isso não significa que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas sobre as Escrituras e ao debate acadêmico, mas sim, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto* e não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais ao final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou tenha exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotados as abordagens e os métodos necessários, sempre orientados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta a sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue a um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos de Cristo e de seu povo.

A terceira característica que distingue esta série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar dissociada da

realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão. Pois como C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.¹ Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor o que Deus disse outrora, já que precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode conquistar o coração das pessoas.

Por fim, a série *Comentário Exegético* foi elaborada mediante a seleção de volumes originários de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem, por exemplo, citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim — e comentários homiléticos — os quais tentam expor de forma clara como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira esta preciosa série de comentários bíblicos.

¹*As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: O sobrinho do mago.

Prefácio do editor da série NICNT

Embora o autor deste comentário e o editor desta série em inglês sejam a mesma pessoa, pareceu apropriado, nesse caso, ter um prefácio do editor junto com o prefácio do autor. São três os motivos para isso:

Em primeiro lugar, este é o primeiro volume editado por mim a aparecer na série NICNT. Também é o segundo volume apresentado sob o novo formato e design. Espero que esse novo design torne a série muito mais fácil de utilizar; ele surgiu, de fato, como resposta às muitas queixas sobre os dois maiores volumes dessa série (o de Morris sobre João e o de Fee sobre 1Coríntios), de que eles não param abertos sobre a mesa quando se tenta utilizá-los. Assim, ofereço minha gratidão à Eerdmans Publishing Company pela adoção do novo design; a seu tempo, todos os antigos volumes entrarão no novo padrão.

Em segundo lugar, embora por coincidência, verificou-se que o segundo e o terceiro editores da série escreveram os volumes substitutos de Filemom e Filipenses, que originalmente apareciam em um único volume escrito por J. J. Müller (1955). Na série original, os comentários sobre Colossenses (por F. F. Bruce) e Efésios (por E. K. Simpson) também constituíam um único volume. Como segundo editor da série, o professor Bruce atualizou seu comentário sobre Colossenses e escreveu os volumes substitutos de Efésios e Filemom, que foram na época publicados em um único volume. Isso resultou na situação inusitada de uma série de comentários ter duas obras sobre Filemom. Enquanto isso, o simples volume de estudos sobre Filipenses nos últimos quarenta anos — e as muitas novas direções que os estudos de Filipenses tomaram — exigiu um volume substituto para essa carta também. Como já estava previsto que eu escrevesse um comentário mais popular sobre essa carta (na série de comentários da IVP NT), os editores perguntaram se eu estaria disposto a escrever também o volume sobre Filipenses para a NICNT. Com o consentimento dos editores da InterVarsity Press, concordei.

Em terceiro lugar, ficou claro para mim desde o início que o editor precisava de um editor. Assim, na verdade, o verdadeiro editor deste volume foi meu colega no Regent College, Sven Soderlund, que trouxe a experiência de anos de ensino sobre as Cartas da Prisão para a tarefa, bem como uma devoção rara aos detalhes e um olhar atento aos “Feeísmos” de todos os tipos (incluindo frases absurdas e vários usos incorretos de palavras) — embora eu, por vezes, tenha resistido aos seus esforços e deva ser responsabilizado por aqueles que permaneceram. Assim, embora o produto final seja mesmo meu, e para o bem ou para o mal eu seja o responsável pelos pontos de vista apresentados, Sven me salvou de muitos constrangimentos, pelo que sou verdadeiramente grato. Na verdade, aprendi muito sobre a tarefa da edição com seu trabalho muito cuidadoso sobre meu primeiro rascunho. Por seus esforços incansáveis em meu favor — e em favor de todos que possam se beneficiar deste comentário — ofereço meus agradecimentos dedicando-lhe o volume.

Prefácio do autor

Sobre a fundamentação quanto à forma e estilo deste comentário, convido você a ler atentamente o Prefácio do Autor do meu volume sobre 1Coríntios nesta série (p. ix–xii), que tive a oportunidade de expor com mais pormenor num simpósio sobre a escrita de comentários, em *Theology* 46 (1990), 387–92.

Mas preciso reiterar aqui algumas pressuposições e idiossincrasias, para o bem do leitor. Primeiro, sem me desculpar, escrevi conscientemente esse comentário para ajudar o pastor da comunidade e o professor das Escrituras a compreenderem melhor essa carta como Palavra de Deus para uma congregação contemporânea. Ao mesmo tempo, sempre levei em conta o estudioso e o professor em sala de aula. Tudo neste formato e estilo evidencia esses dois públicos. Para os leitores leigos, tentei deixar a exposição o mais organizada e legível possível. Espero que até mesmo os estudantes da Bíblia sem nenhum estudo formal (e que não sejam desencorajados pela presença de tantas notas de rodapé!) encontrem muito proveito na leitura do texto, mesmo pulando todas as notas. Por esse motivo, reservei quase toda análise técnica de crítica textual, gramática e lexicografia para as notas de rodapé. Lá também se encontrarão toda minha gratidão e interação (às vezes vigorosa) com aqueles que escreveram sobre Filipenses antes de mim. As notas, portanto, estão cheias de muitas coisas; e o leitor é convidado a pular tantas quantas precisar a fim de se manter atento ao significado de Filipenses em si.

Isso me leva, em segundo lugar, a dizer mais uma palavra sobre meu relacionamento com a bibliografia anterior. Assim como no meu comentário sobre 1Coríntios, evitei com grande diligência ler qualquer coisa sobre um determinado parágrafo — e tentei manter fora da minha mente o que já tinha lido antes — até que tivesse escrito e reescrito minha própria exposição do texto, junto com as várias notas textuais, gramaticais e lexicais. Só depois disso eu percorria a literatura relevante (basicamente 25 comentários cobrindo um vasto intervalo de tempo e de perspectivas, mais todos os estudos especializados conhecidos sobre a passagem) *em ordem cronológica* (até o início de

1994), depois do que interagira, reescrevia ou fazia ajustes, conforme o caso — e reconhecia minha dívida pelos pontos de vista que não tinha observado antes. Por esse motivo, as referências nas notas também estão, geralmente, em ordem cronológica, não alfabética — embora isso fosse difícil de manter às vezes, quando havia mais de uma edição de um comentário. Também significa que, para mim, sempre deixei o melhor para o fim. Embora eu tenha divergido deles de vez em quando, às vezes com vigor próprio, aprendi muito com os comentários recentes de três amigos: Gerald Hawthorne, Moisés Silva e Peter O'Brien. Dos comentários mais antigos, acho os de Meyer, Lightfoot e Vincent os mais invariavelmente úteis (quanto a um panorama muito útil dos comentários sobre Filipenses, veja I. H. Marshall, "Which is the best commentary? 12. Philippians", *ExpTim* 103 [1991], 39-42).

Em terceiro lugar, embora o autor de um comentário presuma que seus leitores nunca vão ler a Introdução(!), aqui está um exemplo de quando parece muito importante que o leitor o faça — pelo menos a Parte I, sobre Filipenses como uma carta do primeiro século, uma vez que todo o comentário foi escrito a partir da perspectiva que aí se expõe. Sobre outras questões introdutórias, apenas previno que não há nada de novo, e que a proveniência tradicional (Roma) e a datação (c. 62 d.C.) são pressupostas — com explicação, mas pouca argumentação.

Em quarto lugar, já que penso haver alguma utilidade nisso, as referências às cartas de Paulo são dadas em sua suposta ordem cronológica (1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Romanos, Filemom, Colossenses, Efésios, Filipenses, 1 Timóteo, Tito, 2 Timóteo); como antes, considero as Epístolas Pastorais como "paulinas" no sentido de que derivam, em última instância, dele mesmo na primeira metade da sétima década d.C. (entre 62 e 64).

Finalmente, em dias como os nossos, quando o grego não é mais exigido na maioria dos seminários, e quando as preocupações sociológicas e literárias superaram em muito as considerações gramaticais na exegese, ficamos um pouco hesitantes em fazer muitas referências a "o grego". Espero que esse comentário tenha levado em consideração, nem sempre de acordo com as fontes secundárias, o que podemos aprender da sociologia do primeiro século e de seus vários dispositivos literários e retóricos. Porém, eu gostaria de fazer aqui um apelo à gramática, que também tem seu valor. Para deixar claro, estou do lado daqueles que acham que muitos dos meus predecessores — e alguns contemporâneos — se esforçaram para encontrar mais "significado" na gramática e nas palavras do que, com certeza, Paulo pretendia. (Pergunto-me se ele refletia sobre seu modo de falar mais do que muitos de nós fazem, especialmente na escrita de cartas.) Chamo isso de "superexegese". Por outro

lado, também não penso que Paulo apenas escreveu a esmo; estou convencido, ao contrário, de que a *maneira* como ele diz as coisas muitas vezes nos dá pistas do *que* ele diz — e tem em mente. Portanto, neste comentário me envolvi em muitas discussões gramaticais bem extensas nas notas de rodapé, onde tenho a sensação de que a gramática recebeu pouca atenção em nosso tempo de maior competência em assuntos sociológicos (veja, e.g., notas 58 e 59 em 2.17; nota 12 em 4.8; e nota 16 em 4.19). Tenho medo de, às vezes, ter sido um pouco rude com meus colegas nessas notas, a quem aqui peço desculpas pelo “estilo”, mas não pela substância.

Falta, então, identificar aqueles a quem agradeço por tornarem possível a escrita e a publicação deste comentário (além da minha dívida com Sven Soderlund observada no Prefácio do Editor):

À minha esposa, Maudine, que não apenas “sofreu” comigo nos seis meses durante os quais este comentário foi escrito, como também leu a maioria das seções — com um olhar afiado para a linguagem e sua utilidade geral para o leitor leigo — e ainda interagiu criativamente comigo (e com Paulo) durante as longas sessões (normalmente à mesa) em que teve que aguentar o transbordamento do meu labor exegético do dia. (Eu a menciono *primeiro* como mais um exemplo de rompimento das tradições “formais” neste comentário!)

Ao Regent College, cuja generosa política sabática possibilitou que eu fosse desobrigado de todas as outras responsabilidades de janeiro a junho de 1994, período em que esta obra foi empreendida.

Aos meus dois assistentes de ensino (ao longo de dois anos acadêmicos), Rick Beaton e Michael Thomson. Rick reuniu os dados de vocabulário que tornaram possível as análises das p. 18-20; ele também serviu como minhas pernas e olhos, passando horas de pesquisa nos corredores da biblioteca e preenchendo lacunas bibliográficas. Michael preparou a lista de reduções gráficas e coletou a extensa bibliografia presente nas notas de rodapé, assim como preparou os índices de Passagens Bíblicas e de Autores.

Aos alunos de dois seminários nos últimos cinco anos, que ouviram e interagiram com novas ideias sobre essa carta, e de cujas monografias também aprendi muito — especialmente daqueles que bateram o pé e não me deixaram ver “divisão” e “oposição” onde não havia.

À Zondervan Publishing House pela permissão de usar a NIV, que é muito útil como tradução, mas, por vezes, difícil de usar como base de comentário por causa de sua (correta) utilização do princípio da equivalência dinâmica.

Como em meu comentário de 1Coríntios, em algumas ocasiões utilizei colchetes para modificar a NIV, onde sua linguagem de gênero específico

(especialmente “irmãos” e “homem”) não reflete mais o uso contemporâneo e, portanto, perde a intenção genérica do grego.

Guardo (o que entendo ser) o melhor para o fim. A escrita deste comentário é diferente de qualquer coisa que experimentei até agora como parte da igreja. Num fluxo regular de “encontros divinos”, em uma variedade de ambientes eclesiais ao longo dos quatro meses e meio em que escrevi o primeiro rascunho do comentário, domingo após domingo, ou o culto (incluindo a liturgia) ou o sermão foi de alguma forma associado de maneira muito direta com o texto da semana anterior. Era como se o Senhor estivesse me deixando ouvir o texto tocado de novo em ambientes litúrgico e homilético que me faziam parar mais uma vez e “ouvir” o texto de novas maneiras. É difícil descrever essas experiências, que tiveram um impacto profundo nos meus sábados durante a licença sabática; e sua regularidade pareceu além de mera coincidência. Tudo isso fez minhas segundas-feiras assumirem um padrão regular também, à medida que eu voltava para o trabalho da semana anterior, e pensava e orava sobre ele uma vez mais. Alguns desses momentos também entraram nas notas de rodapé (e.g., nota 42 em 2.9-11, facilmente o momento mais memorável deles; mas veja também a nota 13 em 4.4 e nota 35 em 3.20-21). Então, a palavra final é de Paulo — sua doxologia em 4.20: “A nosso Deus e Pai seja a glória para todo o sempre. Amém”.

GORDON D. FEE
Julho de 1994

Reduções gráficas

a.C.	antes de Cristo
AB	Anchor Bible
ABD	<i>Anchor Bible Dictionary</i>
adj.	adjetivo
adv.	advérbio
AF2	<i>Apostolic Fathers</i> . Edição de J. B. Lightfoot; 2 de M. W. Holmes.
AJA	<i>American Journal of Archaeology</i>
AJT	<i>American Journal of Theology</i>
AnBib	Analecta Biblica
ANQ	<i>Andover Newton Quarterly</i>
ANRW	<i>Aufstieg und Niedergang der römischen Welt</i>
Aristóteles	
<i>Ética Nic.</i>	<i>Ethica Nicomachea (Ética a Nicômaco)</i>
ASNU	Acta seminarii neotestamentici upsaliensis
ASV	American Standard Version
AT	Antigo Testamento
ATR	<i>Anglican Theological Review</i>
AusBR	<i>Australian Biblical Review</i>
AUSS	<i>Andrews University Seminary Studies</i>
AV	Authorized Version (= KJV)
BA	<i>Biblical Archeologist</i>
BAGD	BAUER, W.; ARNDT, W. F.; GINGRICH, F. W.; DANKER, F. W. <i>Greek-English lexicon of the New Testament and other early Christian literature</i>
BBR	<i>Bulletin for Biblical Research</i> (Chicago: University of Chicago Press, 1979)
BDF	BLASS, F.; DEBRUNNER, A.; FUNK, R. W. <i>A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature</i>
BECNT	Baker Exegetical Commentary on the New Testament
<i>Bib</i>	<i>Biblica</i>
<i>BibLeb</i>	<i>Bibel und Leben</i>
<i>BJRL</i>	<i>Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester</i>

<i>BSac</i>	<i>Bibliotheca Sacra</i>
BST	Bible Speaks Today
<i>BT</i>	<i>The Bible Translator</i>
<i>BTB</i>	<i>Biblical Theology Bulletin</i>
<i>BZ</i>	<i>Biblische Zeitschrift</i>
BZNW	Beihefte zur ZNW
c.	circa (cerca de)
cap(s).	capítulo(s)
<i>Cart. Aríst.</i>	<i>Carta de Arístéas</i>
CASB	Cambridge Annotated Study Bible
<i>CBQ</i>	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
CBSC	Cambridge Bible for Schools and Colleges
cf.	<i>confer</i> (conferir ou comparar)
Cícero	
<i>Amig.</i>	<i>Epistulae ad familiares</i>
<i>Amiz.</i>	<i>De Amicitia</i>
<i>Ático</i>	<i>Epistulae ad Atticum</i>
<i>Fin.</i>	<i>De finibus</i>
<i>Inv.</i>	<i>De inventione</i>
<i>Rab. post.</i>	<i>Pro Rabirio postumo</i>
<i>Verres</i>	<i>In Verrem</i>
CIL	Corpus Inscriptionum Latinarum 1863–1909
CNT	Commentaire du Nouveau Testament
ConNT	Coniectanea neotestamentica
<i>CTJ</i>	<i>Calvin Theological Journal</i>
<i>CTR</i>	<i>Crisswell Theological Review</i>
d.C.	depois de Cristo
Dião Crisóstomo	
<i>Discursos</i>	<i>Orationes</i>
<i>Diogn.</i>	Diogneto
disc.	discussão, análise
<i>DPL</i>	HAWTHORNE, G. F.; MARTIN, R. P.; REID, D. G., orgs. <i>Dictionary of Paul and his letters</i> . (Downers Grove: InterVarsity, 1993) [edição em português: <i>Dicionário de Paulo e suas cartas</i> . 2. ed. Tradução de BarbaraTheoto Lambert (São Paulo: Vida Nova/Paulus/Loyola, 2008)].
e.g.	<i>exempli gratia</i> , por exemplo
EBC	The Expositor's Bible Commentary. Edição de Frank Gabelein.
ed.	edição
<i>EDNT</i>	<i>Exegetical dictionary of the New Testament</i> . Editado por H. Balz e G. Schneider (Grand Rapids: Eerdmans, 1990–1993). 3 vols.

Eo	Eclesiástico
EPC	Epworth Preacher's Commentaries
Epicuro	
<i>Gno</i>	<i>Gnomologium Vaticanum</i> (Sentenças Vaticanas)
esp.	especialmente
<i>EstBib</i>	<i>Estudios Bíblicos</i>
<i>ETL</i>	<i>Ephemerides theologicae lovanienses</i>
<i>ETR</i>	<i>Etudes théologiques et religieuses</i>
Eurípides	
<i>Or.</i>	<i>Orestes</i>
<i>EvQ</i>	<i>Evangelical Quarterly</i>
<i>ExpTim</i>	<i>The Expository Times</i>
FFNT	Foundations and Facets: New Testament
Filo	
<i>Virtudes</i>	<i>De Virtutibus</i> (Das virtudes)
<i>Est. prelim.</i>	<i>De Congressu Quaerendae Eruditionis Gratia</i> (Dos estudos preliminares)
<i>FNT</i>	<i>Filología neotestamentaria</i>
GNB	Good News Bible (= Today's English Version)
<i>GOTR</i>	<i>Greek Orthodox Theological Review</i>
gr.	grego
<i>GTJ</i>	<i>Grace Theological Journal</i>
Herm.	Hermas
“Mand.”	“Mandato”
“Sim.”	“Similitudes”
HNT	Handbuch zum Neuen Testament
HNTC	Harper's New Testament Commentaries
<i>HorBibTh</i>	<i>Horizons in Biblical Theology</i>
HTKNT	Herders Theologische Kommentar zum Neuen Testament
<i>HTR</i>	<i>Harvard Theological Review</i>
i.e.	<i>id est</i> (isto é)
<i>IBS</i>	<i>Irish Biblical Studies</i>
ICC	International Critical Commentary
<i>IKZ</i>	<i>Internationale kirchliche Zeitschrift</i>
<i>Int</i>	<i>Interpretation</i>
<i>ITQ</i>	<i>Irish Theological Quarterly</i>
JAC	Jahrbuch für Antike und Christentum
JB	Jerusalem Bible
<i>JBC</i>	<i>The Jerome Biblical Commentary</i> . Organização de R. E. Brown et al.
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JFSR</i>	<i>Journal of Feminist Studies in Religion</i>

JGWR	<i>Journal of Gender in World Religions</i>
Jos.	Josefo
<i>Ant.</i>	<i>Antiquitates Judaicae (Antiguidades dos judeus)</i>
<i>G.J.</i>	<i>Bellum Judaicum (Guerra dos judeus)</i>
JSNT	<i>Journal for the Study of the New Testament</i>
JSNTSup	Journal for the Study of the New Testament Supplement Series
JTC	<i>Journal for Theology and the Church</i>
JTS	<i>Journal of Theological Studies</i>
KEK	Kritisch-exegetischer Kommentar über das Neue Testament (Meyer-Kommentar)
KJV	King James Version (= AV)
LA	Latina Antiga
LCL	Loeb Classical Library (Harvard University)
LD	Lectio divina
LEC	Library of Early Christianity. Organização de W. A. Meeks.
lit.	literalmente
LS	<i>Louvain Studies</i>
LSJ	LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, H. S. <i>A Greek-English lexicon</i> . 9. ed. com suplemento revisado (Oxford, 1996).
Luciano	
<i>Patr. laud.</i>	<i>Patriae laudatio (Minha terra nativa)</i>
LXX	Septuaginta
MHT	MOULTON, J. H.; HOWARD, W. F.; TURNER, N. <i>Grammar of New Testament Greek</i> . 4 vols.
M-M	MOULTON, H. H.; MILLIGAN, G. <i>The vocabulary of the Greek New Testament</i>
MNTC	Moffatt New Testament Commentary
Moffatt, James.	<i>The New Testament: a new translation</i>
ms(s)	manuscrito(s)
NA ²⁶	NESTLE, E.; ALAND, K. <i>Novum Testamentum Graece</i> . 26. ed.
NAB	New American Bible
NAC	New American Commentary
NASB	New American Standard Version
NCB	New Century Bible
NCBC	New Century Bible Commentary
NEB	New English Bible
<i>Neot</i>	<i>Neotestamentica</i>
<i>New docs</i>	<i>New documents illustrating early Christianity (Macquarie University, 1981-)</i>
NIBC	New International Bible Commentary
NICNT	New International Commentary on the New Testament

NIDNTT	BROWN, C., org. <i>The New international dictionary of New Testament theology</i> (Grand Rapids: Regency Reference Library, 1975–1985). 4 vols. [edição em português: <i>O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento</i> . Tradução de Gordon Chown (São Paulo: Vida Nova, 2000). 2 vols.]
NIGTC	New International Greek Testament Commentary
NIV	New International Version
NJB	New Jerusalem Bible
NKZ	<i>Neue kirchliche Zeitschrift</i>
NovT	<i>Novum Testamentum</i>
NovTSup	Novum Testamentum, Supplements
NRSV	New Revised Standard Version
NT	Novo Testamento
NTC	New Testament Commentary
NTD	Das Neue Testament Deutsch
NTS	<i>New Testament Studies</i>
NTTS	New Testament Tools and Studies
Or. Sib.	<i>Oráculos Sibilinos</i>
p.	página(s)
Platão	
<i>Rep.</i>	<i>República</i>
Plutarco	
<i>Amigos</i>	<i>De Amicitiae Multitudinae (Da abundância de amigos)</i>
<i>Crianças</i>	<i>De Liberis Educandis (Da educação das crianças)</i>
<i>Inimigos</i>	<i>De Capienda ex Inimicis Utilitate (Como tirar proveito dos inimigos)</i>
PNTC	Penguin New Testament Commentaries
PRS	<i>Perspectives in Religious Studies</i>
q.v.	<i>quod vide</i> (confira, queira ver)
RB	<i>Revue biblique</i>
REB	Revised English Bible
reimpr.	reimpressão
RelSRev	<i>Religious Studies Review</i>
ResQ	<i>Restoration Quarterly</i>
rev.	revisado
RevExp	<i>Review and Expositor</i>
RHPR	<i>Revue d'Histoire et de Philosophie Religieuses</i>
RivB	<i>Rivista Biblica Italiana</i>
RNT	Regensburger Neues Testament
RSPT	<i>Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques</i>
RSR	<i>Recherches de Science Religieuse</i>
RSV	Revised Standard Version

RTR	<i>Reformed Theological Review</i>
SBLDS	Society of Biblical Literature Dissertation Series
SBLSBS	Society of Biblical Literature Sources for Biblical Study
SBT	Studies in Biblical Theology
SD	Studies and Documents
SE	<i>Studia Evangelica</i>
séc.	século
Sêneca	
<i>Ben.</i>	<i>De beneficiis (Sobre os benefícios)</i>
<i>Ep.</i>	<i>Epistulae morales (Epístolas morais)</i>
<i>V. feliz</i>	<i>De vita beata (Da vida feliz)</i>
SJT	<i>Scottish Journal of Theology</i>
SJTOP	Scottish Journal of Theology Occasional Papers
SNTSMS	Society for New Testament Studies Monograph Series
SO	Symbolae osloenses
SR	<i>Studies in religion/Sciences religieuses</i>
ST	<i>Studia theologica</i>
Str-B	STRACK, H.; BILLERBECK, P. <i>Kommentar zum Neuen Testament</i>
TCNT	The Twentieth Century New Testament
TDNT	<i>Theological dictionary of the New Testament</i> . Organização de G. Kittel; G. Friedrich. Tradução para o inglês de G. W. Bromiley (Grand Rapids: Eerdmans, 1964–1976). 10 vols.
THKNT	Theologischer Handkommentar zum Neuen Testament
ThZ	<i>Theologische Literaturzeitung</i>
TJ	<i>Trinity Journal</i>
TMaj	Texto Majoritário (= texto do tipo bizantino)
TNTC	Tyndale New Testament Commentaries
TQ	<i>Theologische Quartalschrift</i>
TR	Textus Receptus
TSK	<i>Theologische Studien und Kritiken</i>
TU	Texte und Untersuchungen
TWOT	<i>Theological Wordbook of the Old Testament</i> . Editado por R. L. Harris; G. L. Archer Jr. (Chicago: Moody, 1980). 2 vols. [edição em português: <i>Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento</i> (São Paulo: Vida Nova, 1998)]
TynBul	<i>Tyndale Bulletin</i>
TZ	<i>Theologische Zeitschrift</i>
UBS ^{3,4}	United Bible Societies Greek New Testament (3. e 4. ed.)
v.	versículo(s)
WBC	Word Biblical Commentary
WC	Westminster Commentaries

<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
WUNT	Wissenschaftliche Untersuchungen zum Neuen Testament
Xenofonte	
<i>Mem.</i>	<i>Memorabilia</i>
ZBK	Zürcher Bibelkommentare
ZG	ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. <i>A grammatical analysis of the Greek New Testament</i> . ed. rev. (Rome, 1981).
ZKNT	Zahn's Kommentar zum Neuen Testament
ZNW	<i>Zeitschrift für neutestamentliche Wissenschaft</i>

Introdução a Filipenses

Este comentário foi escrito a partir da perspectiva de que Filipenses foi uma carta, escrita pelo apóstolo Paulo em Roma no início da década de 60, para seus amigos de longa data e compatriotas no evangelho que viviam em Filipos, um posto avançado do Império Romano na planície interior da Macedônia oriental. O objetivo desta Introdução é apresentar tanto a *carta* da forma como a vejo quanto este *comentário* sobre a carta. Embora as várias questões críticas que fazem parte de uma tal introdução sejam mencionadas, o leitor precisará consultar as introduções mais tradicionais ao NT para obter uma abordagem mais completa de muitas dessas questões.¹ Aqui está o que eu entendo ser o tema da carta, que o comentário a seguir esclarecerá de modo mais detalhado.

I. FILIPENSES COMO UMA CARTA

É comum apresentar as cartas paulinas “reconstruindo” a situação histórica para a qual elas foram escritas. Embora esse tipo de reconstrução seja extremamente importante para o nosso entendimento de Filipenses (veja a seção II abaixo), este é um caso no qual a questão do “gênero” literário deve preceder as questões de “história”.² Portanto, analisaremos inicialmente esta carta como uma obra de “literatura” do primeiro século.

¹Quanto a um leque amplo de perspectivas sobre essas questões, veja as introduções ao NT de Kümmel, p. 320-35; Guthrie, p. 541-63; Carson-Moo-Morris, p. 317-29. Quanto a um tipo diferente de introdução, para o qual tenho inclinações pessoais, veja L. T. Johnson, *Writings*, p. 338-49. A leitura dos capítulos sobre Filipenses nessas obras dará uma boa noção das questões, bem como das diferentes abordagens.

²Eu já tinha chegado a essa conclusão alguns meses antes de ler Stowers, “Friends”, que defende basicamente a mesma coisa. Aprendi muito com esse artigo, ao qual sou grato por alguns dos insights apresentados aqui. Tenho divergências com Stowers com relação à história. Apesar de relacionar a carta à situação de Filipos, ele está muito mais interessado na questão do “gênero” *per se*, de modo que se tem a sensação de que a carta em si é “genérica” no sentido de que, por ser uma “carta de amizade exortatória”, ela poderia ter sido escrita

A. Filipenses e a escrita de cartas na Antiguidade

Em contraste com muitas das outras cartas de Paulo, especialmente as cartas mais polêmicas e/ou apologéticas, tais como Gálatas e 1 e 2Coríntios, Filipenses reflete todas as características de uma “carta de amizade”, combinadas com as características de uma “carta de exortação moral”. Várias questões apontam para essa direção.

1. *Filipenses como uma carta de amizade.*³ A composição de cartas, que era uma espécie de forma de “arte” na cultura ocidental anterior às máquinas de escrever e ao computador, era também levada muito a sério pelos antigos gregos e romanos.⁴ A educação formal talvez incluísse instrução na composição de cartas.⁵ Dois dos manuais para essa instrução chegaram até nós: os de Pseudo-Demétrio e de Pseudo-Libânio⁶ — embora eles provavelmente tenham sido escritos para escribas profissionais, e não para crianças na idade escolar. O de Pseudo-Demétrio lista e oferece ilustrações de 21 tipos diferentes de cartas. O primeiro deles, o “tipo amigável”, era bem conhecido de todos e, de acordo com Cícero, foi o motivo para a “invenção da composição de cartas”.⁷ De muitas formas esta é a menos “artística” das cartas, já que o que agora conhecemos como “cartas de família” pertence, com muita frequência, a esse gênero.⁸ Todavia, certas características são discerníveis, e a maioria delas se encaixa bem em uma dimensão da carta de Paulo aos Filipenses.

para qualquer uma das igrejas de Paulo e ter ficado praticamente da mesma maneira. Mesmo estando igualmente convencido de que esta é uma carta de amizade, penso que só pode ser compreendida como um caso específico, escrita para uma situação muito concreta em Filipos no início da década de 60.

³Veja também L. T. Johnson, *Writings*, p. 338-49; L. M. White, “Morality”; Stowers, “Friends”.

⁴Sobre essa questão, veja esp. Malherbe, *Theorists*, p. 1-11, mais seus muitos exemplos; S. Stowers, *Letter Writing*, p. 27-40; J. L. White, *Light*, p. 189-220; cf. nota 14.

⁵Veja Malherbe, *Theorists*, p. 6-7; Stowers, *Letter writing*, p. 32-5; White, *Light*, p. 189-90.

“Epistolary types” [Tipos Epistolares], por Pseudo-Demétrio (atribuído de maneira errônea a Demétrio de Faleros, séc. 4 a.C.), não pode ser datado com precisão (do séc. 2 a.C. ao séc. 2 d.C.); quanto ao texto e tradução para o inglês, veja Malherbe, *Theorists*, p. 30-41. “Epistolary styles” [Estilos Epistolares], por Pseudo-Libânio, data de c. do séc. 4 ao 6 d.C.; quanto ao texto e tradução para o inglês, veja *ibidem*, p. 66-81. Essa obra expandiu a lista de 21 para 41. Curiosamente, seu primeiro “tipo” é a carta “exortatória”; ele lista a “carta de amizade” como número 7.

⁷Veja nota 15 abaixo.

⁸Deve-se observar aqui, como aponta Stowers (*Letter writing*, p. 71), que a chamada “carta de família”, que é abundante entre os papiros, não era reconhecida como um tipo distinto entre os teóricos antigos. Mas isso porque, como a ilustração de Pseudo-Demétrio deixa claro, o conteúdo da chamada carta de família pertencia à categoria de “carta de amizade”; cf. Pseudo-Libânio, “o estilo de amizade é aquele no qual simplesmente exibimos apenas amizade”.

Primeiramente a teoria, como ilustrada pela “carta” de exemplo de Pseudo-Demétrio:

Embora eu esteja separado de você há muito tempo, sofro isso apenas no corpo. Pois não posso nunca esquecer de você ou da maneira impecável como fomos criados juntos desde a infância. Sabendo que eu mesmo estou genuinamente preocupado com seus assuntos⁹ e que tenho trabalhado incansavelmente para o que lhe é mais vantajoso, suponho que também você tenha a mesma opinião sobre mim e não me recusará nada. Portanto, você fará bem¹⁰ em dar muita atenção aos membros da minha casa para que não precisem de nada, em lhes ajudar com qualquer coisa que precisem, e em escrever sobre qualquer assunto da sua escolha.

Embora essa ilustração se incline muito em direção à “reciprocidade” da amizade (veja a próxima seção), três características desse exemplo teórico são dignas de nota para Filipenses: (1) a observação inicial, segundo a qual as cartas de amizade estão relacionadas à “ausência” entre amigos (cf. Fp 1.27; 2.12); (2) o fato de essas cartas estarem relacionadas com “os assuntos” tanto do remetente quanto do destinatário (cf. Fp 1.12; 1.27; 2.19,23); e (3) o fato de o destinatário “fazer bem” em cuidar das necessidades do remetente (cf. Fp 4.14).

De modo ainda mais significativo, Loveday Alexander recentemente submeteu uma série de “cartas de família” a uma análise empírica “formal”, e demonstrou de forma persuasiva, a meu ver, que um certo padrão emerge nessas cartas que também está evidente em Filipenses.¹¹ Ela identifica sete itens, incluindo a saudação inicial e os votos finais (coloquei as partes correspondentes de Filipenses entre colchetes):¹²

1. Cumprimento e saudação [1.1-2]
2. Oração pelos destinatários [1.3-11]

⁹Gr. τὰ πρὸς σε; veja nota 19 no comentário de 1.12.

¹⁰Gr. καλῶς οὖν ποιήσεις; cf. no comentário de 4.14, mas no tempo pretérito.

¹¹Veja “Letter-forms”. É preciso ser devidamente cauteloso aqui, quanto a saber o que veio primeiro, a “forma” ou a realidade; i.e., se uma forma preexistente determinou como a carta foi escrita, ou se a “forma” é nossa descoberta baseada em dados empíricos (cf. Alexander, p. 88-9). Com certeza, nesse caso, é o último.

¹²Devo observar aqui que li o artigo da dra. Alexander depois de ter escrito o comentário, com o esboço presente já em mãos. Sua análise forneceu evidências claras de que esse padrão geral já existia em algumas das “cartas de família” dentre os papiros.

Também será reconhecido que 3.1-4.9 e 4.10-20 não se encaixam bem no esquema. Embora alguns vejam isso como evidência para desmembrar nossa presente carta em três partes (veja abaixo, p. 22-5), eu defendo no comentário, com base no conteúdo e nos paralelos marcantes entre os caps. 2 e 3, que há soluções melhores para a forma como essas seções se encaixam. Veja a análise abaixo (p. 41-3).

3. Tranquilização quanto ao remetente (= “meus assuntos”) [1.12-26]
4. Pedido pela tranquilização quanto aos destinatários (= “seus assuntos”) [1.27—2.18; 3.1—4.3]
5. Informação sobre a movimentação de intermediários [2.19-30]
6. Troca de saudações com terceiros [4.21-22]
7. Voto final de saúde [4.23]

Também há evidência de se deixar uma “ação de graças” para o fim¹³ — embora em Filipenses isso seja, provavelmente, mais uma questão de retórica do que de forma de carta (veja comentário sobre 4.10-20). A mensagem a se reforçar é que, no nível “formal”, muito de Filipenses pode ser explicado como uma carta de amizade, do “tipo [de carta] de amizade, de família”.¹⁴

Por outro lado, Cícero considera as “cartas de amizade”, tais como as encontradas nos papiros, como não dignas de correspondência entre amigos verdadeiros, uma vez que a maioria trata de assuntos comuns, ao passo que as cartas entre amigos deveriam envolver conversas sobre temas mais profundos.¹⁵ Assim, o que temos em Filipenses é uma carta que tem o caráter *formal* — e a “lógica” — de uma carta “de amizade” ou “de família”; enquanto, quanto a *conteúdo*, apresenta conversas em um nível muito mais profundo de amizade.

Mas a “amizade” em si, do tipo de que Cícero falava, era outra questão que gregos e romanos levavam com um tipo de seriedade que a maioria dos nossos contemporâneos dificilmente apreciaria. Como há várias indicações na nossa carta de que Paulo entendia o seu relacionamento com os filipenses como uma expressão modificada de “amizade”, precisamos de um breve panorama desse fenômeno para que possamos compreender a carta que Paulo lhes escreveu.

2. *A amizade no mundo greco-romano.*¹⁶ Como na maioria das sociedades antigas, a amizade tinha um papel preponderante nos relacionamentos sociais

¹³Cf. Alexander, “Letter-forms”, p. 97-8.

¹⁴Stowers (“Friends”, p. 107) aponta que isso já foi reconhecido há muito tempo por classicistas que lidam com a escrita antiga de cartas (e.g., Koskeniemi, *Studien*, p. 115-27; Thräde, *Grundzüge*).

¹⁵Cícero, *Amig.* 2.4.1: “A composição de cartas foi inventada apenas para que pudéssemos *informar aos que estão longe* se havia algo importante para eles ou para nós mesmos que eles deveriam saber. Uma carta desse tipo você, com certeza, não esperará de mim; pois com relação *aos seus próprios assuntos* você tem seus correspondentes e mensageiros em casa, enquanto com relação *aos meus*, não há absolutamente nada de novo para lhe contar” (LCL, 25.101; citado também em Malherbe, *Theorists*, p. 21; grifos meus, para mostrar as ligações com Pseudo-Demétrio observadas acima). Cícero continua então para indicar que ele pretende escrever sobre “algo mais sério”.

¹⁶Sobre debates na literatura secundária, veja Saller, *Personal patronage*, p. 7-39; P. Marshall, *Enmity*, p. 1-34; Stowers, “Friends”, p. 107-14. Entre as fontes primárias, veja Aristóteles, *Ética Nic.*, livro 8; Cícero, *Amiz.*; Sêneca, *Ep.* 11; Plutarco, *Amigos*.

básicos no mundo greco-romano, inclusive na política e nos negócios. Esse assunto era tão importante que se tornou tópico comum nos debates filosóficos. Aristóteles dedicou uma parte considerável da sua obra *Ética a Nicômaco* a uma análise da amizade, ao passo que Cícero e Plutarco têm tratados inteiros sobre o tópico, e Sêneca aborda a questão em várias de suas “cartas morais”. De acordo com Aristóteles (e outros que seguiram os seus passos), haveria três tipos de “amizade” entre “iguais”: (1) amizade verdadeira entre pessoas virtuosas, cujo relacionamento é baseado na boa vontade e na lealdade (incluindo confiança); (2) amizade baseada no prazer, ou seja, em se desfrutar da mesma coisa, de modo que as pessoas desfrutam da associação com aqueles que são “agradáveis a nós”; (3) amizade baseada em necessidade, um arranjo puramente utilitário, que Aristóteles despreza, assim como a maioria de seus sucessores. De forma um pouco condescendente, Aristóteles também admitia a palavra *amizade* para relacionamentos entre “desiguais” — pais e filhos, (geralmente) uma pessoa mais velha e outra mais nova, marido e esposa, e governante e as pessoas governadas.

Os debates filosóficos acerca da amizade tratam, principalmente, do primeiro tipo, no qual surge um certo “núcleo de ideais” que se pensava serem aplicáveis a todas as amizades genuínas.¹⁷ Isso incluía “virtude”, especialmente fidelidade ou lealdade; sentimento, na forma de boa vontade mútua em relação ao outro para o seu próprio bem; e especialmente a questão básica de “dar e receber (= reciprocidade social) benefícios” (= de bens e serviços, embora a reciprocidade às vezes assumisse a forma de simples gratidão).¹⁸ A questão dos “benefícios” levava a alguns dos maiores debates porque a amizade não poderia ser compreendida sem os “benefícios”, mas também poderia haver um abuso desses a ponto de abalar a mutualidade e a confiança. Porque implicava reciprocidade independente de qualquer coisa, a amizade também incluía um sentido de “obrigação” e expressões de “gratidão” (boa vontade adicional). Além disso, e de formas que as pessoas de hoje teriam muita dificuldade em apreciar, a amizade desse tipo mais ou menos “contratual” era também “agonística” (competitiva), no sentido de que era, muitas vezes, debatida no contexto de “inimigos”.¹⁹ Ou seja, ter amigos automaticamente significava

¹⁷Cf. Saller, *Personal patronage*, p. 12; veja sua análise nas p. 12–22; cf. P. Marshall, *Enmity*, p. 21–4.

¹⁸Sobre a questão dos “benefícios” e sua importância mais ampla para a sociedade em geral, veja G. Peterman, “Giving”, p. 63–104.

¹⁹Veja esp. cap. 2 em P. Marshall, *Enmity*, p. 35–69, e Stowers, “Friends”, p. 113–4. Estou em dívida com esses estudiosos por esses insights.